

ROMANIZAÇÃO

TEXTO PEDRO SEROMENHO ILUSTRAÇÕES IZAAC BRITO

ONDE TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR



©2022, EDITORA PALETA DE LETRAS

TÍTULO

Onde todos os caminhos vão dar

TEXT0

Pedro Seromenho

ILUSTRAÇÃO

Izaac Brito

DESIGN, EDIÇÃO E REVISÃO

Paleta de Letras

ISBN

978-989-53793-0-99

DEPÓSITO LEGAL

000000000

IMPRESSÃO

Empresa do Diário do Minho, Lda.

©Reservados todos os direitos

Editora Paleta de Letras

www.paletadeletras.pt

editora@paletadeletras.pt

TEXT0

PEDRO SEROMENHO

ILUSTRAÇÕES

IZAAC BRITO

ONDE TODOS OS CAMINHOS VÃO DAR



Ninguém quis acreditar, mas, depois de uma manhã soalheira, o céu cobriu-se de negro e os gritos de guerra eclodiram. Foi uma invasão bem planeada e fulminante! Os romanos navegaram *Mare Nostrum* adentro, desembarcaram a sul da Península Ibérica e, no estrondear de um trovão de Zeus, avançaram sem ninguém lhes fazer frente. Os poucos guerreiros calaicos que se atreveram a enfrentar o infindável exército de legionários, recorrendo a emboscadas nos desfiladeiros para abrandar o desfile triunfal, acabaram por ter de se refugiar nas montanhas. A diferença entre as forças era tamanha, que muitos castros depuseram as armas sem resistência! Deixaram-se ocupar e foram aculturados. Para tal, foi decisiva a política de romanização, com a sua universalização das leis e do latim. Não tardou a que toda a Península ficasse sob o jugo romano!



Ainda assim, no Castro do Padrão, a vida continuou pacata. De madrugada, os habitantes desciam a encosta para caçar ou recolher lenha e, após o almoço, montavam as tendas para o comércio. A chegada dos romanos trouxera novos hábitos e, por isso, era frequente aparecerem propostas de bebidas milagrosas ou ferramentas que ninguém sabia ao certo para o que serviam. Vendia-se de tudo um pouco, desde que as peças viessem rotuladas de novidade ou de progresso. Os romanos impressionavam os calaicos mais velhos, que ficavam de olhos esbugalhados ao verem tais objetos. De todos, os que mais surpreendiam, eram os perfumes em frascos de vidro, as fíbulas, os adereços para o cabelo, as lucernas para iluminar as casas e as ânforas com diferentes tipos de vinho.



Agora que havia um tutor para ensinar a cultura romana, a jovem Alana já não podia ajudar a sua mãe a colher nozes e amoras para os bolos que cozinhava.

A Alana brincava muito com o Júlio, primogénito de uma família abastada do Padrão. Essa amizade possibilitou-lhe assistir às aulas que o tutor lecionava. Ela estava ansiosa por aprender e descobrir os segredos do mundo. Sonhava subir às montanhas para tocar as nuvens com a ponta dos dedos e a sua cabeça morava na poesia e na magia das poções dos antepassados. Aprendeu a ler e a escrever e a criar as suas próprias histórias! Agora, quando escreve, sente-se uma verdadeira heroína, uma cavaleira destemida como a sua mãe Nantia, que não se ajoelha perante ninguém. E depois de escrever, desenha guerreiros, deuses e cavaleiros, numa espécie de banda desenhada que só faz sentido na sua cabeça. Tem um traço ágil e firme, como a batuta de um maestro.



A Alana não se consegue habituar às retas perpendiculares com perspectivas e ângulos, que se cruzam num emaranhado de regras e leis. Quem adora essa matéria é o Caio, um jovem romano que começou também a partilhar as aulas de Júlio. Desde que ele chegou ao castro, as raparigas têm andado curiosas e encantadas. A Alana não foi exceção. Quando o viu, sentiu um palpitar inexplicável no peito e passou o resto do dia em silêncio. O Caio é loiro e franzino, tem os olhos azuis como o mar e a pele ebúrnea como marfim. Quando ele se sentou ao lado da Alana para a cumprimentar, esta corou e desatou a correr. O rapaz ficou confuso com a reação e teve esperança que esta regressasse, mas tal não aconteceu. A Alana refugiou-se em casa e passou a noite a desenhar borboletas enquanto olhava e sorria para a lua. O seu coração continuou a palpitar até ao amanhecer.





O Caio costuma usar uma toga branca com uma banda larga de cor dourada e carrega sempre um monte de papiros, onde faz esboços e desenhos técnicos de engenharia e arquitetura. Os seus trabalhos refletem um espírito metódico e um sentido prático para a vida. Ele tem uma curiosidade insaciável de perceber como funcionam as coisas e não gosta de perguntas sem resposta. Educaram-no assim, com a visão imperialista de uma nova ordem que deseja unir o mundo através de uma só moeda, lei e língua!

No dia seguinte, a Alana chegou atrasada e sentou-se sorrateiramente no fundo da sala. Não estava à espera que o tutor a chamasse para traduzir a expressão latina “sum in amore”. Ela estava tão nervosa que, sempre que falava, a sua voz tremia. Quando finalmente terminou de escrever, sentou-se cabisbaixa e preparou-se para chorar, mas irrompeu um bater de palmas.

Era o Caio que a aplaudia de pé, como se ela fosse uma gladiadora na arena. Se havia algo que o Caio admirava, era a nobreza da coragem! Foi assim que ela o conquistou, ganhando em simultâneo um exército de raparigas invejosas e ciumentas.





— Olá, Alana! Estiveste muito bem! — parabenizou-a o Caio.

A Alana é uma rapariga exótica, com cabelos cor de mel e olhos amendoados, que se distingue das demais pela forma descontraída como se veste.

— Obrigada, mas não sei o que queres dizer. — desconversou a Alana.

— Refiro-me ao teu latim, que é muito bom!

— Achas mesmo!? — riu-se a rapariga. — É que não gosto assim tanto de latim!

— A sério?! Não parece. De qualquer forma, quer se goste ou não, todos teremos de o aprender. Vai ser uma língua universal. Para todos nos entendermos melhor!

— Mas nós temos a nossa própria língua. Esqueceste-te disso?

— Sim, tens razão, mas o saber não ocupa lugar. Se souberes latim poderás viajar pelas províncias do império! Nunca ouviste dizer “quem tem boca, vai a Roma”?

— Não.

— Sabes, acho que temos muito em comum! — sorriu o Caio, o que era raro.

— Como assim?

— Ambos gostamos de desenhar. — fitou-a nos olhos — E adoramos os nossos povos.

— Sim, é verdade, mas tu desenhas casas, pontes e ruas, como se tudo fosse linear e geométrico. Eu prefiro inventar e desenhar sem limites nem horizontes.

— Pois, para mim, o desenho é uma ferramenta. Tem de ter um objetivo. Além de arte, é um ofício.

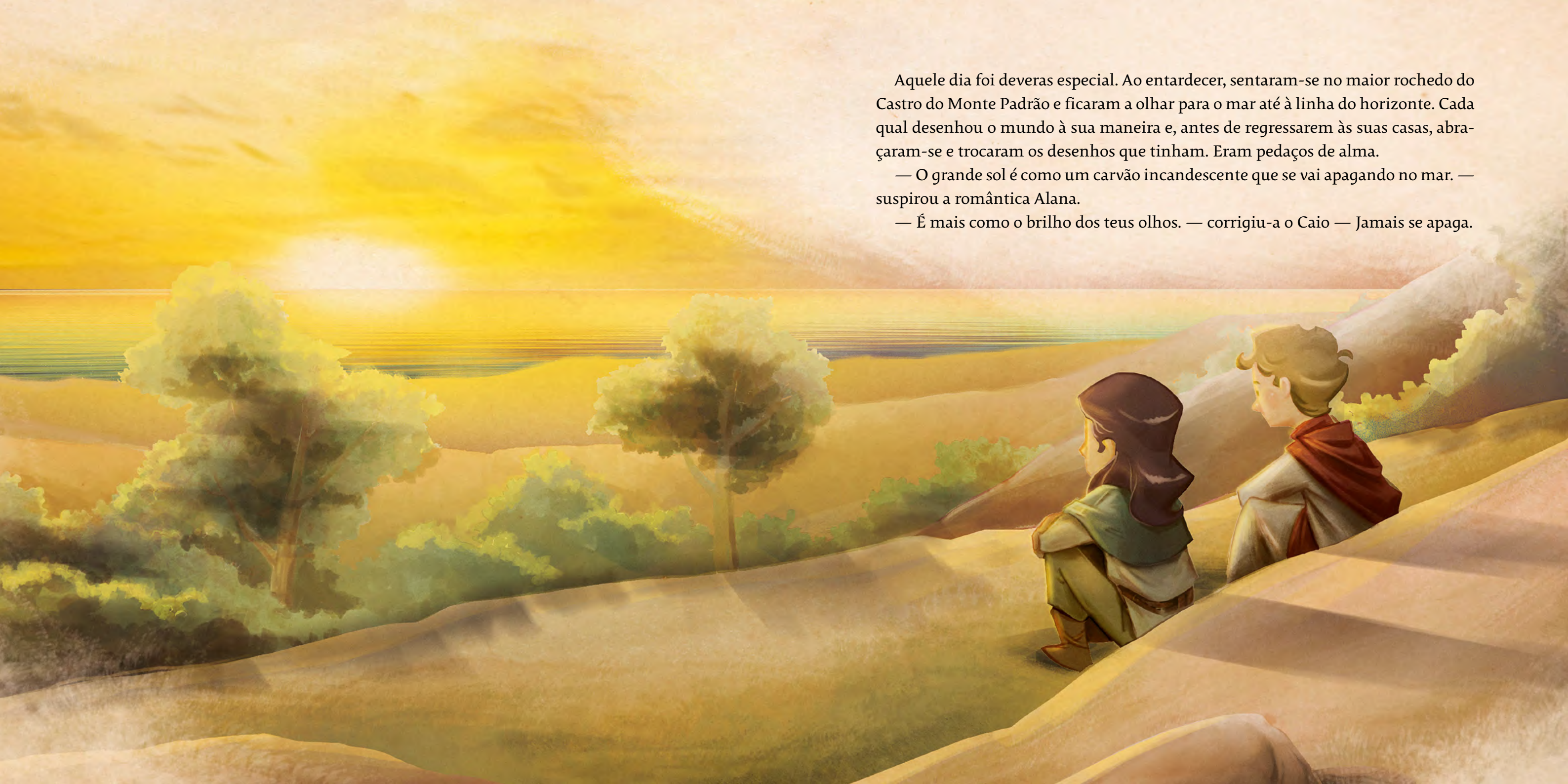
— Para mim, não. É um caminho, onde fruímos. Deixamo-nos levar, sem saber aonde vamos. Não me interessa o destino. Interessa-me sonhar e viver!

— Não digas isso. Tem de haver uma meta, um propósito! Além disso, todos os caminhos vão dar a Roma! — ironizou o Caio, puxando-a pela mão para brincarem.

Aquele dia foi deveras especial. Ao entardecer, sentaram-se no maior rochedo do Castro do Monte Padrão e ficaram a olhar para o mar até à linha do horizonte. Cada qual desenhou o mundo à sua maneira e, antes de regressarem às suas casas, abraçaram-se e trocaram os desenhos que tinham. Eram pedaços de alma.

— O grande sol é como um carvão incandescente que se vai apagando no mar. — suspirou a romântica Alana.

— É mais como o brilho dos teus olhos. — corrigiu-a o Caio — Jamais se apaga.



Com o assassinato do corajoso Viriato, líder dos Lusitanos, os romanos libertaram-se e tornaram-se ainda mais incisivos, rumando a norte e varrendo toda a região Galaica até a conquistarem por completo. O General Décimo Júnio Bruto, a quem chamavam o Galaico por ser tão impiedoso e tingir a terra de sangue, dizimou os inimigos e suprimiu as rebeliões com a força bélica e tirana das suas legiões. Com catapultas, torres de assalto e táticas militares inigualáveis, não houve adversários à altura. Durante anos, ele foi o rosto impiedoso da grande Roma. Tornou-se um mito vivo. De tal forma, que poucos se atreviam a dizer o seu nome em voz alta.



Os anos que se seguiram à conquista romana foram de prosperidade para toda a região. Fundaram-se várias vilas e cidades, como a imperiosa Bracara Augusta, que beneficiaram da construção de aquedutos, termas, teatros, templos, fóruns e pontes. Criaram-se rotas comerciais e redes viárias entre castros e citânias, ergueram-se edifícios administrativos e militares, incrementou-se a produção de cereais, vinho e azeite, e aperfeiçoou-se a cerâmica, a mineração e a construção civil.

O tempo foi passando e a relação entre a Alana e o Caio foi amadurecendo. A sua arrebatadora paixão amainou num amor sólido e infinito.

— Sabes, Caio, estive a pensar naquilo de passarmos para uma nova fase. — desabafou a Alana.

— Estás a falar do casamento, da nossa aliança? É o que te apoquentas? — sorriu o homem, que já não era rapaz.

— Sim, gostaria que o meu casamento fosse como o da minha mãe. Além disso, tenho medo que os teus familiares não me aceitem!

— Isso é impossível! Seria como se não gostassem de mim! Tu até já conheces alguns dos meus familiares. O meu tio Máximo Cipião já passou aqui pelo castro. Agora, infelizmente, está muito doente e ninguém consegue descobrir o que ele tem.

— Então, falarei com o meu avô, o xamã. Pode ser que ele o visite e o consiga curar com o remédio certo.

— Mas já chamámos os melhores médicos de Roma e nenhum deles conseguiu ajudar!

— Não subestimes o conhecimento dos outros povos. Mesmo dos que te parecem menos civilizados!





Nos meses seguintes, o avô da Alana visitou o Máximo Cipião e acabou por curá-lo. Na ironia do destino, o general foi salvo por aqueles que “não se governam nem se deixam governar”. Os familiares do Caio agradeceram a ajuda da Alana, que passou a fazer parte da família. Os romanos podiam ser mais modernos e evoluídos, mas, no mundo, haverá sempre algo que ninguém conseguirá explicar. A vida é um poço infinito de mistérios e surpresas!

Foi em cima do maior rochedo do Monte Padrão que o Caio resolveu pedir a Alana em casamento, oferecendo-lhe um desenho. Era a casa que sonhara para ambos. Ficou assente que o casamento seria à maneira da noiva, de acordo com os rituais e a tradição do povo calaico.

An illustration of a man and a woman in traditional clothing. The man on the left has curly brown hair and wears a laurel wreath and a red shawl over a tan tunic. The woman on the right has long dark hair and wears a crown of colorful flowers and a green shawl over a tan tunic. They are both smiling and looking at each other. The background is a soft-focus landscape with green hills, a blue sky with pink clouds, and a field of yellow and pink flowers. Pink petals are falling around them.

Assim se cumpriu esta aliança: uma união entre duas culturas tão distintas nas suas formas de ser, de viver e de estar, porque é na diferença e no respeito que o amor gosta de se aconchegar. Não tardou a que o Caio construísse o seu edifício de sonho e que a Alana o decorasse com beleza, ternura e maternidade. A família foi crescendo, até a casa se tornar pequena. É inevitável. Porque um casamento não é apenas uma cerimónia ou uma casa, mas a comemoração do tempo que passa inesperadamente depressa. Todos os dias, sem exceção. Seja calaico ou romano, esse é a verdadeiro conceção da palavra "lar"!

Uma porta aberta, onde todos os caminhos vão dar!

Os romanos chegaram e o Monte Padrão nunca mais foi o mesmo! Os calaicos subjugaram-se à vontade do invasor e, agora, a jovem Alana teme pelo seu povo. Na aldeia ensina-se latim, direito e desenho, mas esquece-se o mais importante: a amizade, os sentimentos e os afetos. A Alana sente-se enclausurada num mundo novo e estranho, até que conhece o jovem romano Caio e tudo muda! Talvez o coração seja uma porta aberta, onde todos os caminhos vão dar.

ISBN 978-989-53793-0-9



9 789895 379309 >



COFINANCIADO POR: